

Para quem e com que estratégias falam essas reportagens?¹

Rafael da Silva Paes HENRIQUES²
Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo

Este artigo pretende decompor e analisar metodologicamente duas reportagens do Balanço Geral, telejornal da TV Vitória, afiliada Rede Record de Televisão no Espírito Santo. De forma articulada, vamos utilizar operadores de análise construídos pelo Grupo de Pesquisa em Análise de Telejornalismo, da Universidade Federal da Bahia (GPAT-Ufba): o mediador, o texto verbal, o contexto comunicativo e o pacto sobre o papel do jornalismo. O objetivo é atender a um pedido de parecer técnico encaminhado pela Procuradoria da República ao Observatório da Mídia, grupo de pesquisa ligado ao Departamento de Comunicação Social, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Palavras-chave: telejornalismo; modos de endereçamento; Balanço Geral ES.

Introdução

Apesar de reconhecidamente inalcançável, a objetividade segue sendo o parâmetro para a realização e a análise do jornalismo, em certa compreensão da atividade jornalística. Nesse horizonte, o fato seria equivalente a objetividade nela mesma, separada e independente dos sujeitos, e a notícia seria o resultado da ação de sujeitos interessados, os jornalistas, sobre essa realidade inacessível: o fato puro. É como se, a cada acontecimento noticiado, houvesse primeiro um fato, cuja constituição é autônoma, independente e anterior aos próprios jornalistas, e somente depois, no processo de produção da notícia, entrasse em cena o interesse, ou seja, a interpretação jornalística dos acontecimentos, transformando esses acontecimentos em produtos veiculados em jornal, internet, rádio ou televisão.

Sendo assim, o papel do bom profissional seria realizar todos os esforços, isto é, cumprir com todos os rituais estratégicos que, podem até não ser capazes de anular, mas

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Filosofia pela UFRJ e professor adjunto do Departamento de Comunicação Social da Ufes, email: rafaelpaesh@gmail.com.

que ao menos teriam a qualidade de minimizar a interferência subjetiva nos acontecimentos. Na impossibilidade de se alcançar a objetividade nela mesma, o mais “correto” seria o jornalista adotar certos procedimentos para não macular o fato em si, ou seja, aquilo que realmente aconteceu, a fim de chegar bem próximo dessa realidade. Notícias bem feitas seriam interpretações, o mais fielmente possíveis, para acontecimentos jornalisticamente interessantes.

A partir dessa leitura, é possível não somente compreender a realização de produtos jornalísticos, como também avaliar a sua qualidade. Basta estabelecerem-se critérios para medir o grau de pureza das notícias e que funcionariam como uma espécie de parâmetro capaz de mensurar a quantidade de desvio presente no resultado final do trabalho. Nesse tipo de análise, as notícias são investigadas a partir de uma régua, que determinaria a distância entre o fato em si e a cobertura jornalística, muitas vezes comparando os produtos do jornalismo com outros discursos menos expostos a interferências subjetivas, como o discurso científico, por exemplo. Também é a partir desse modo de compreender o jornalismo e a operação que ele realiza, que as acusações de manipulação da informação geralmente se fundamentam.

A análise proposta neste artigo tem uma outra natureza e pretende partir de um outro lugar. Não vamos tomar como óbvia e evidente a compreensão ontológica que divide a realidade em dois pólos opostos: a objetividade e a subjetividade. Entendemos que toda experiência de linguagem implica em construções de sentidos, não existindo discursos neutros, ou livres de propósitos; mesmo que a intenção seja parecer não ter interesse algum, como é o caso do discurso científico. É claro que isso vale também para o discurso jornalístico na TV, um outro modo de enunciação que tem, como estratégia, apagar as marcas de sua intencionalidade.

Ao realizar escolhas, no processo de construção das notícias, os profissionais da informação realizam uma atividade interessada, que imprime significado aos fatos, que atribui sentido aos acontecimentos, ao mesmo tempo em que se constituem enquanto jornalistas, isto é, são estruturados como sujeitos portadores de certas crenças e valores, que resultam em maneiras “adequadas” de traduzir tudo aquilo que acontece. Isso quer dizer que, tanto os fatos (objeto), quanto os próprios jornalistas (sujeito) são forjados em uma relação específica; são o resultado de uma perspectiva que define não somente um modo “mais correto” de compreensão e de relato da realidade, como também determina o que é

ser, pensar e agir como jornalista. Nossa análise vai partir da compreensão de que sujeito e objeto não são pré-existentes à relação, mas são termos cuja constituição é resultado de uma mesma origem instauradora: a perspectiva. Não se trata de negar as ideias de sujeito e objeto, mas sim de reconhecer que elas são apenas derivadas, são tardias e não primárias e imediatas. Isso só se faz possível quando se pergunta pela efetiva gênese desses dois termos da relação, pela sua verdade ontológica.

No horizonte de Nietzsche (2001 e 2008), o que é originário e arcaico são as interpretações possíveis, ou seja, ontologicamente, em vez de haver acontecimento como objeto em si mesmo, e jornalista como sujeito anterior a qualquer que seja a experiência, há uma perspectiva que torna os dois termos da relação possíveis de se realizar. Com efeito, é sempre desde interesse jornalístico que jornalista vem a ser um sujeito que acredita que tudo aquilo que é trágico tem mais valor, e que acidente de trânsito vem a ser notícia jornalística, na forma como diariamente vem a ser, para dar apenas um exemplo. No jornalismo, o fato, que costuma ser compreendido como equivalente a objetividade nela mesma, e a perspectiva, que costuma ser entendida como um elemento posterior que é acrescentado pela subjetividade do jornalista, são, na verdade, ontologicamente uma mesma realidade que se dá num único e mesmo ato. Na perspectiva jornalismo, tanto os acontecimentos quanto os jornalistas se mostram e se realizam de uma certa, e não de outra, maneira. Os dois termos só são desde essa perspectiva inaugural.

Na tentativa de descrever o modo de funcionamento dessa relação, Bourdieu lança mão de uma esclarecedora metáfora para explicar que o jornalismo é uma prática capaz até mesmo de organizar e dar sentido a percepção de quem se ocupa cotidianamente dessa atividade: “Os jornalistas têm ‘óculos’ especiais a partir dos quais vêem certas coisas e não outras; e vêem de certa maneira as coisas que vêem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado” (BOURDIEU, 1997, p. 25).

Uma advertência muito importante deve ser feita nessa altura da argumentação. Não se está afirmando que existe uma realidade “em si” à qual não teríamos acesso. Não se está querendo dizer que exista uma objetividade incognoscível que, por sua vez, possuiria uma perspectiva, uma interpretação que descobrimos ou acrescentamos, no processo de produção jornalística: que seriam os óculos aos quais se refere Bourdieu. Não é absolutamente nada disso. O que se quer apontar é que as coisas – a própria realidade – são, em primeiríssima instância, um interesse, uma perspectiva, uma interpretação possível. Elas

não possuem uma perspectiva, mas, antes, são essa perspectiva, que inaugura e torna possíveis tanto o sujeito quanto o próprio objeto. No nosso caso, é desde o jornalismo que se faz jornalista e acontecimento jornalístico. No exemplo de Bourdieu, os óculos são a perspectiva que orienta e organiza os fatos jornalisticamente interessantes e também contituem o próprio jornalista.

O que se está buscando argumentar é que tudo que aparece, só se mostra, só é, porque já está estruturado em um modo de ver, em uma perspectiva, entre muitas outras possíveis. Esse entendimento transforma radicalmente a compreensão do modo como o jornalismo ou qualquer outro discurso sobre a realidade funcionam, e, por consequência, altera profundamente o caráter das análises que devem ser feitas.

É que, em sendo assim, a investigação sobre os produtos do jornalismo não se pauta mais pela avaliação do grau de objetividade das sentenças, muito menos pela verificação das possíveis interferências subjetivas dos jornalistas presentes nos relatos dos acontecimentos. A tarefa do investigador passa ser, então, se empenhar em desconstruir esse processo; procurar conhecer as raízes e origens e entender como funciona a perspectiva que inaugura e torna possível que jornalista, e fato jornalístico, se determinem de um modo tão próprio.

Este trabalho quer exatamente atuar na desconstrução do processo de significação jornalística. Pretendemos decompor e analisar duas reportagens de televisão desde o entendimento de que o que é primeiro, o que funda o real, é justamente uma perspectiva. Nossa premissa é de que o jornalismo é uma das muitas perspectivas possíveis. A tarefa mais produtiva é buscar compreender o modo como o jornalismo produz jornalistas e acontecimentos. Faz-se necessário investigar as condições, o interesse e a perspectiva que são justamente o que guia e governa o modo como o jornalismo se mostra e se efetiva em determinados produtos, de um determinado modo.

Partimos da premissa de que o jornalismo é um interesse particular, capaz de articular sujeitos e objetos em uma perspectiva estruturada e reconhecida historicamente não somente como possível, mas também como legítima, já que se apresenta como uma interpretação que teria como característica justamente estabelecer sentidos o mais proximamente possível da suposta objetividade. Só que entendemos que, em vez de verdade ontológica ou ritual estratégico, a suposta objetividade jornalística se revela, nesse horizonte de análise, como uma estratégia discursiva.

Desse modo, é preciso reconhecer que os produtos telejornalísticos expressam o mundo atendendo as necessidades que são tanto dos profissionais quanto das empresas para as quais trabalham e seus interesses comerciais. É esse o contexto dessa perspectiva específica. Com isso, não se quer afirmar que existe uma conspiração, da qual o jornalismo faz parte, para ocultar dos leitores e telespectadores a verdade sobre os acontecimentos e oferecer informações enviesadas ao público. Nem se quer defender a subjetividade dos discursos jornalísticos, como se os jornalistas pudessem escrever como quisessem ou o que bem entendessem. Na verdade:

Por mais fechado que seja um telejornal, há sempre ambiguidade suficiente em sua forma significante, a ponto de interditar qualquer “leitura” simples e unívoca, e há também autonomia suficiente, por parte do telespectador, de modo a permitir que ele faça uma triagem do que lhe é despejado no fluxo televisual (MACHADO, 2000, p. 100).

Ao se afirmar o elevado nível de padronização do jornalismo e ao se definir a atividade como uma perspectiva particular de instauração de sentidos e sujeitos, não se quer desconsiderar que o jornalismo sempre recebe pressões externas, nem se quer negar os seus aspectos históricos, sociais, ideológicos e culturais. Também não se quer recusar ou diminuir a importância das recentes mudanças pelas quais o jornalismo vem passando ou a ambiguidade de sua forma significante. É justamente o contrário: o que se quer apontar é que, em sua atividade diária, ainda que em um ambiente em constante disputa e em transformação, os jornalistas reconstruem a realidade a partir de uma certa concepção, seguindo uma série de princípios e modelos de procedimentos partilhados por todos aqueles que fazem parte desse campo de atuação, ao mesmo tempo em que eles próprios, enquanto sujeitos, também são o resultado desse processo. O jornalismo, longe de revelar verdades ocultas, é uma narrativa inserida em um determinado contexto histórico e cultural, que tem a finalidade de construir sentidos, desde um modo de codificação muito próprio. E é essa maneira singular de construção de realidade que produz não somente aquilo que são as notícias como também os próprios jornalistas.

Para entender o telejornalismo, é preciso levar em conta que, assim como em todos os outros formatos jornalísticos, a atividade vai buscar reconhecimento e legitimidade na própria sociedade que a envolve. Trata-se de uma prática que é alvo de influências diversas, de múltiplos campos sociais, e que é ponto de partida para diferentes leituras por parte de quem consome seus produtos, como defende a professora Vera França:

A produção televisiva não acontece imune ou à revelia da presença de sua audiência (intervenções, interesses), mas é permanentemente modificada por ela,

pela dinâmica viva das intervenções dos diferentes sujeitos envolvidos na interlocução. Portanto, é uma linguagem em processo, que se faz / se refaz continuamente – donde a mobilidade de suas formas e gêneros. Como toda linguagem, orienta tanto quanto é constituída pelas falas que a efetivam (FRANÇA, 2006, p. 16).

Sendo assim, o telejornalismo, como qualquer outro campo, é um lugar de disputa, um espaço de tensão onde há hegemonia, mas também contra-hegemonia. Entretanto, mesmo que se reconheça essa dinâmica, isto é, ainda que se identifique a existência de conflitos de interesses que tornam essa perspectiva um processo em permanente mobilidade de formatos e estratégias discursivas, não se pode negar que certos códigos jornalísticos encontram-se bem definidos, e são reconhecidos e partilhados por aqueles que produzem e consomem as informações televisivas. É forçoso reconhecer o alto grau de cristalização da atividade.

Por isso, Beatriz Becker afirma que a investigação de produtos do jornalismo precisa: “[...] percorrer uma viagem em busca das marcas que nos permitem compreender o discurso do telejornalismo como prática social, perceber as estratégias dos dispositivos audiovisuais e tentar avançar na sistematização das relações texto-imagem” (BECKER, 2004, p. 32). É justamente o que propomos realizar na análise de duas reportagens de televisão veiculadas pelo Balanço Geral no Espírito Santo, que são bastante significativas para que se compreenda o modo como se estrutura a perspectiva que funda o que hoje é o jornalista e a notícia de televisão.

Desde perspectiva: um assalto e jornalistas

Nosso objeto empírico são duas reportagens, levadas ao ar no dia 5 de junho de 2012, no Balanço Geral, da TV Vitória, afiliada Rede Record de Televisão no Espírito Santo. O objetivo é atender ao pedido de parecer técnico encaminhado pela Procuradoria da República ao Observatório da Mídia, grupo de pesquisa ligado ao Departamento de Comunicação Social, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). A solicitação se justifica em função de uma representação oriunda da Comissão de Direitos Humanos, da Ordem dos Advogados do Brasil no Espírito Santo (OAB-ES), que pede providências ao Ministério Público Federal, por entender que “o programa veiculou violações a direitos e garantias fundamentais, ao expor imagens de presos por autoridade policial, [e ao] praticar

coação moral por xingamentos e tortura psicológica, estimulando a reação pública contra os detidos”.

Trata-se de duas reportagens de televisão, com o tempo total de 8min 51s, incluindo as cabeças³ e os comentários do apresentador. O primeiro VT⁴ tem 1min 26s de duração e é composto por 3 OFFs⁵, duas inserções de sonoras⁶ com um mesmo cobrador de ônibus e passagem⁷ do repórter, gravada dentro do coletivo. Essa reportagem relata o acontecimento de um assalto a ônibus, que transportava cerca de 30 passageiros, e que teria sido praticado por dois jovens, um deles armado, na tarde do dia anterior à exibição. Segundo o relato do cobrador, os dois homens entraram no coletivo, pularam a roleta e anunciaram o assalto alguns quilômetros depois. O repórter afirma, na passagem, que, enquanto os “bandidos” pegavam o dinheiro do cobrador, uma senhora de 65 anos esbarrou nos “assaltantes” e, por isso, foi agredida com socos e pontapés. Depois que os dois homens desceram do veículo, o cobrador os seguiu até localizá-los em uma borracharia, no bairro de São Torquato. A polícia foi acionada, prendeu os suspeitos e os levou para o DPJ de Vila Velha, recuperando o dinheiro que havia sido roubado: cerca de R\$ 230.

Pelas imagens, é possível perceber que a reportagem foi realizada à noite, horas depois da ocorrência. Depois de mostrar a fachada da delegacia, o VT apresenta imagens de uma sala no interior do prédio, com dois jovens sentados em cadeiras, um atrás do outro. O repórter informa o nome completo de cada um deles, além da idade dos dois: 19 anos. Um dos detidos está com o rosto coberto com a própria camisa, enquanto o outro, visivelmente algemado, tenta esconder o rosto da mesma forma. A imagem seguinte parece ter sido registrada anteriormente, já que o plano é mais afastado e o acusado, que na outra imagem apareceu tentando se esconder, está com rosto descoberto e de olhos fechados, como se estivesse tirando um cochilo.

A matéria foi encerrada com um depoimento do cobrador afirmando que, apesar do medo, tem que continuar a trabalhar, uma vez que a mulher está grávida e precisa sustentar a família. Sem mostrar o rosto, ele argumenta que: “Eles roubam, roubam, roubam e a maioria deles está solta. O que a gente pode fazer? Fazer nada!”. Na volta para o estúdio, a

³ Resumo da reportagem que será apresentada, lido pelo apresentador quase sempre em estúdio.

⁴ Video Tape (VT), sinônimo de reportagem, matéria de televisão.

⁵ Peça da reportagem de televisão em que se ouve a voz do repórter lendo um texto, que descreve alguma situação, enquanto imagens referentes ao assunto são inseridas.

⁶ Entrevista com as fontes de informação: testemunhas, autoridades, e demais envolvidos no assunto em questão.

⁷ Peça da reportagem de televisão na qual o repórter apresenta as informações de frente para a câmera. Serve como elemento de ligação entre momentos ou espaços diferentes da reportagem.

reportagem é seguida por um comentário de 1min 40s, do apresentador, duração maior que a própria reportagem. Ele ainda pede para que a última sonora do cobrador seja exibida novamente, sendo prontamente atendido. Depois da segunda exibição de parte da entrevista, o apresentador chama o segundo VT, explicando que a equipe de reportagem voltou a encontrar com “os dois simpáticos lá no DPJ ainda”, referindo aos dois acusados, e “foi trocar umas ideia; nossa equipe com os meninos”, destacando, pelo tom de voz, o absurdo do que viria a acontecer. “Olha só o que aconteceu: um nervosinho partiu para cima de nossa equipe!”.

A segunda reportagem tem alguns segundos a mais do que a primeira: 1min 32s de duração, e apesar disso, é composta de apenas 1 OFF do repórter, uma extensa sonora de 1min 6s e a passagem de encerramento. No VT, os dois acusados, cujo nome e sobrenome já haviam sido revelados na primeira matéria, aparecem algemados, de pé, dentro da delegacia, em frente a um anteparo com o logotipo da Polícia Civil do Espírito Santo e com brasão do Governo do Estado, escondendo o rosto com a própria camisa que vestem. Um dos acusados está usando outra camisa e a reportagem foi realizada por outro repórter, que gravou a passagem em frente a delegacia, com a presença da luz do dia, elementos que indicam que esse segundo VT foi produzido na manhã do dia seguinte à ocorrência e à primeira reportagem. No único OFF, inserido no início da reportagem, o texto do repórter repete o nome dos dois acusados para expor que, ao lado do colega, um dos detidos “não gostou de ser questionado sobre o assalto de que a dupla é suspeita de ter praticado”. Exatamente depois dessa frase, entra a sonora, que representa 72% do tempo total da reportagem, na qual um dos acusados afirma repetidas vezes que não bateu em ninguém e ordena, em várias oportunidades, que o repórter tire o microfone de perto dele, aparelho que ele chama de “desgraça”. O segundo rapaz permaneceu calado o tempo inteiro, não respondendo a nenhuma questão.

Pela cor do cabelo, alourado, é possível concluir que o detido que teve o rosto revelado na primeira reportagem, foi aquele que respondeu as perguntas e que demonstrou bastante irritação e contrariedade com a insistência do repórter na entrevista, e com a repetição da mesma pergunta: “Por que é que bateu na velhinha?”. Mesmo algemado, o acusado chega a bater com as mãos no microfone várias vezes, insistindo que o repórter o deixe em paz. Em um momento de maior exaltação, quando bate com mais força no microfone, a voz de alguém, que não aparece na imagem, provavelmente um policial, chega

a adverti-lo: “Rapaz, rapaz, olha só, hein! Para com isso! Não precisa ficar tocando o microfone dele, não...”. O detido responde prontamente: “Tô falando, ninguém bateu em velhinha não, rapaz! Você acha que eu vou ficar batendo em velhinha? Eu tenho mãe, eu tenho vó, eu tenho parente, você acha que eu vou ficar batendo em velha, rapaz? Meu bagulho é só levar o que eu quero e acabou, rapaz!”. O repórter pergunta: “O que você queria levar?”. E o acusado responde, no mesmo tom: “Eu queria levar era dinheiro, só isso que eu queria levar! Eu levei, acabou, mano, foi só isso, mais nada!” Depois do segundo corte seco na imagem, durante a entrevista, o que demonstra que houve duas passagens de tempo, os acusados aparecem no mesmo local e na mesma posição, quando o detido afirma: “Eu vou quebrar a câmera. Eu estou falando sério, eu vou quebrar a câmera” e bate mais uma vez no microfone: “eu vou quebrar a desgraça da câmera!”.

Durante toda a entrevista do detido, uma trilha sonora tensa em tons graves permanece ao fundo, em BG⁸, acirrando o clima de perigo e ameaça, apesar de a única agressão do franzino rapaz algemado, e que usava a própria camisa que vestia para esconder o rosto, ter sido os tapas no microfone. No texto da passagem de encerramento, ainda com o BG em execução, o repórter afirma: “Mais uma vez Daniel foi levado para o Centro de Detenção provisória de Viana. Segundo policiais, volta e meia ele é detido e trazido para o DPJ de Vila Velha, mas liberado da prisão pela Justiça, logo depois”.

O fim da reportagem é seguido por mais um comentário do apresentador, dessa vez com a duração de 1min 41s. No final desse segundo comentário, o apresentador diz: “Acompanhe aí, Balança”, o que serve de deixa para que o único OFF e a extensa sonora da segunda reportagem sejam reexibidos. Na última fala do acusado, que é perguntado mais uma vez: “quem foi que bateu na senhora?”, ele responde: “Foi sua mãe, doido!”. A reexibição da sonora é seguida pelo corte para o estúdio, onde o apresentador sorri para a câmera, e faz um terceiro e último comentário da cobertura, que dura mais 30s.

Modos de endereçamento do Balanço Geral

Para decompor e analisar metodologicamente o produto telejornalístico descrito acima, vamos utilizar, de forma articulada, os seguintes operadores de análise construídos pelo Grupo de Pesquisa em Análise de Telejornalismo, da Universidade Federal da Bahia (GPAT-Ufba): *mediador, texto verbal, contexto comunicativo e pacto sobre o papel do*

⁸ Background (BG): trilha musical inserida em materiais audiovisuais, em baixo volume, para criar climas e contextos idealizados pelo realizador.

jornalismo. Esses operadores de análise procuram identificar e descrever as maneiras e estratégias pelas quais os programas televisivos constroem a sua relação com os telespectadores. Eles apontam para marcas visuais, verbais e/ou sonoras, que garantem a especificidade de cada telejornal, que imprimem um determinado estilo à emissão e são o resultado de um modo próprio que cada produto televisivo tem de projetar e de se comunicar com seu público. Na verdade, os operadores funcionam como espécies de “lugares” para onde o analista deve olhar, articulando todos deles, com o todo do telejornal (GOMES, 2011). O resultado desse trabalho será a descrição de quais estratégias discursivas foram utilizadas na amostra, o que inclui sua audiência presumida.

No caso do Balanço Geral, o *mediador* é um dos operadores de análise mais importantes e que mais rendem frutos na avaliação do formato, conforme já descrito em pesquisas anteriores (BORJA, 2011), e também pelo que podemos concluir a partir da nossa amostra. Isso porque, nas duas reportagens, é possível verificar que o apresentador tem papel fundamental na condução das informações, atribuindo valor a alguns de seus aspectos, orientando a audiência, chamando a atenção para alguns detalhes e julgando o que é ou não importante. Nos comentários, Amaro Neto sintetiza, resume e repete as informações que considera de maior interesse, além de avaliar e julgar as pessoas e as ações descritas nas reportagens, apresentando opiniões e apontando quais deveriam ser as consequências e punições para os acusados.

É o caso da estratégia discursiva utilizada já no primeiro comentário da amostra. O apresentador inicia sua fala chamando a atenção para os acusados: “Olha, você viu o naipe dos caras, bicho? Você viu o naipe dos bandidos? Os caras entraram ali na região do Romão, invadiram o ônibus, entraram na boa, quietinhos. Mas já dava para ver pelo naipe e como eles entraram no busão, que não vinha boa coisa!”. Além de serem chamados de bandidos, logo na segunda frase, os dois rapazes acusados do assalto já são apresentados, como alguém que, apenas pela aparência, e por terem pulado a roleta, não poderiam estar bem intencionados. Depois desse trecho, o apresentador faz uma síntese da ocorrência e repete as informações presentes na reportagem que acabou de ser exibida. “Pularam a roleta e ficaram no fundo. Aí quando passou a Segunda Ponte, foram dar o bote”. Em seguida, ele chama a atenção para um dos elementos da reportagem, isto é, ele orienta a audiência e atribui valor para o que acabou de ser exibido: “Você viu a fala de uma das pessoas

envolvidas nesse crime, os caras entraram no ônibus, já chegaram batendo”. A forma como o assalto teria sido cometido ganha destaque e resulta em um apresentador indignado.

Pela escolha de termos coloquiais, utilizados em conversas informais, como “bicho”, “naipe”, “caras” e “busão”, também fica exposta uma dupla estratégia discursiva posta em prática pelo apresentador. Ao mesmo tempo em que o *texto verbal* aponta que ele é uma pessoa comum, popular, que fala como “todo mundo”, isto é, sem a pompa e a formalidade da autoridade, da fonte autorizada que estamos acostumados a ver na televisão, ele também busca um lugar de fala de quem sabe das coisas, de alguém para quem, desde o princípio, desde sua primeira intervenção, não restam dúvidas sobre a intencionalidade e culpa dos suspeitos.

Essa dupla estratégia de aproximação e certo distanciamento da audiência também pode ser verificada no vestuário e na performance do apresentador/*mediador*. Dentro do estúdio, de calça, camisa e sapato sociais, mas sem usar gravata, Amaro Neto parece reivindicar um lugar de fala bastante claro: está ao lado do povo, já que se indigna com a falta de segurança, com o perigo ao qual o cobrador, que vai ser pai, precisa se expor, ao mesmo tempo em que está hierarquicamente acima de todos, já que discursivamente coloca-se num lugar de enunciação com a legitimidade para selecionar, hierarquizar e julgar as pessoas e os acontecimentos.

Esse lugar acima de tudo e de todos, também se concretiza na postura pedagógica do apresentador, que precisa se portar como alguém que tem o conhecimento necessário para realizar a operação de explicação das informações para a audiência. Se o telespectador – pelo menos aquele idealizado pelo programa – precisa do apresentador para entender o que acabou de ser exibido, significa que, sozinho, ele não seria capaz de compreender os repórteres. Nesse sentido, é graças a uma espécie de tradução realizada por Amaro Neto, que inclusive manda repetir os trechos mais importantes, e que se apresenta tanto representante do povo, quanto professor/defensor da população, que a audiência acompanha e conseguiria perceber a importância e os detalhes das mensagens exibidas.

E somente o apresentador tem esse privilégio. Os repórteres, que, aliás, também atuam como *mediadores* no telejornal, ocupam discursivamente outro espaço, com menos valor. Apesar de usarem roupas, palavras e tom de voz mais formais que o apresentador, já que usam gravata e não alteram o tom de voz para esboçar descontentamento, contrariedade ou qualquer outra emoção, os repórteres elaboram seus *textos verbais*, e se utilizam de

lugares de enunciação nos quais não se é permitido julgar diretamente ninguém, mas apenas “expor” os acontecimentos. São formais, vestem-se como autoridades, mas não opinam, não julgam, nem orientam diretamente. Já o apresentador, apesar de mais informal na roupa e na fala – de se portar e de se indignar com e pelo povo – atua como se tivesse o poder e o direito de enunciar de um lugar hierarquicamente bastante superior ao povo e também mais importante que o ocupado por seus colegas jornalistas, outros *mediadores* do discurso telejornalístico. Esse primeiro comentário tem, inclusive, duração maior que a própria reportagem, exibida anteriormente. Esse momento do telejornal é tão longo, que as imagens da reportagem voltam a ser exibidas sem o áudio original, cobrindo a fala do apresentador, para não tornar o relato muito cansativo e enfadonho.

Assim, fica exposto que o apresentador do Balanço Geral procura situar-se discursivamente como uma pessoa do povo e pelo povo, ao mesmo tempo em que está acima dele e até dos colegas, já que pode opinar e julgar a vontade, como bem entender. É o caso da sequência desse primeiro comentário, no qual direitos e garantias constitucionais mínimas dos acusados são desrespeitados: “Ah um tabefe, né? Moleque bom para tomar umas porrada, esses dois, né? Vamos botar para trabalhar, pra capinar, bater uma laje! Por isso rapaz, os cara tem que ficar preso e quebrar pedra, mas rebentar os cara quebrando pedra, o dia inteiro, rapaz! Moleque bom pra trabalhar, rapaz! Moleque bom pra ganhar um corpo! Franzino, estilo Neymar! Hãh! Pra ganhar um corpo! É! Quebrar umas pedras bonito, rapaz! Ah, um cara bom pra dar umas porrada nas costa dele, rapaz! Umas porrada nos peito! Acompanhe a fala aí, do trabalhador, do rodoviário”.

Com raízes em uma noção de justiça claramente baseada na vingança, o comentário do apresentador estimula a violência como forma mais eficaz de se combater a violência. Numa espécie de catarse televisiva, o apresentador dá vazão a mais rasteira, conservadora e maniqueísta compreensão possível de crime e castigo. Atuando como porta-voz do “olho por olho, dente por dente”, Amaro Neto defende abertamente que se dê “porradas” nas costas e no peito do acusado, ou mais que isso, parece expressar um desejo de executar com as próprias mãos a sentença deferida. Marcada pelo ódio e pela total intolerância com o crime, a fala é um sintoma explícito e revela a função que o telejornal pretende cumprir.

O comentário é bastante ilustrativo para se determinar o que o telespectador pode esperar ver no programa. Pelo menos a partir dessa amostra, fica evidente que o Balanço Geral parece compreender seu trabalho de modo a cumprir com o papel de uma espécie de

tribunal paralelo, de juiz dos atos e pessoas apresentadas nos relatos. O apresentador torna explícito qual é o *pacto sobre o papel do jornalismo* com o qual o telejornal trabalha: o de atuar como *mídia tribunal*. Desde os posicionamentos expressos pelo apresentador e outras escolhas editoriais e discursivas das reportagens analisadas, o telejornalismo proposto pode ser compreendido como uma atividade que tem a contraditória tarefa de nos vingar de tanta violência, de propor “um basta em tudo isso”, e que serve para julgar e condenar pessoas, além de repetir e servir de caixa de reverberação para discursos intolerantes e marcados pelo ódio, tão presentes em nossa sociedade. Essa conclusão é reforçada pelo segundo comentário da amostra, exibido logo após a segunda reportagem:

“Aí ó, é isso que eu estou falando com você! Seu juiz, ei, seu juiz, eu quero ver quando um maluco desse, invadir a casa do nobre senhor, de vossa senhoria, na Mata da Praia, na Ilha do Boi, na Ilha do Frade, e fazer alguma coisa com a sua filha. Eu quero ver vossa senhoria! Hãh! Você fica liberando qualquer zé mané, qualquer vababundo! O doutor libera, chega lá o doutor e você vai libera, aí o maluco vai e faz isso! Tem que deixar apodrecer na cadeia! Deixa apodrecer lá. E ó, avisa pra rapaziada que os caras são machos por demais com velhinhas, com senhoras idosas e também com pessoas dentro do ônibus!”.

Nesse segundo comentário, o apresentador olha para a câmera e, gesticulando bastante com as mãos e de maneira muito enfática, desafia o judiciário ao pôr em xeque as decisões da magistratura, que são apresentadas como completamente equivocadas. Como se falasse diretamente com o juiz responsável pelas solturas anteriores do suspeito, o apresentador interpela a autoridade de modo jocoso e irônico, tanto no tom de voz, quanto ao escolher termos como “nobre senhor” e “vossa senhoria”. Em conotação de ameaça, convoca o juiz para imaginar uma situação em que os acusados cometessem crimes contra suas filhas, em bairros nobres de Vitória. Repetindo o discurso vingativo e de intolerância, conclui que não é para soltar. Independentemente do que diz o ordenamento jurídico, é preciso deixar os acusados “apodrecer na cadeia”, e ainda avisa aos outros detidos, aos quais chama de “rapaziada”, que esses acusados são “machos com velinhas, pessoas de idade e passageiros de ônibus”, claramente incentivando, e até conclamando, atos de violência no sistema carcerário.

Até pela sua gravidade, estrategicamente, esse tipo de fala do apresentador não aparece isoladamente, mas vai buscar legitimidade em opções de montagem do telejornal. O conteúdo que antecede esse comentário, é justamente a entrevista do cobrador de ônibus,

futuro pai de família, e que declara que: “Eles roubam, roubam, roubam e a maioria deles está solta. O que a gente pode fazer? Fazer nada!”, reforçando a sensação de impotência e legitimando a acusação de fouxidão da Justiça. E essa parte da entrevista é repetida depois do comentário, a pedido do apresentador. Mais uma vez é reforçada a ideia de que Amaro Neto representa os anseios da população, isto é, pensa como o público e está a serviço dele, como uma espécie de representante. Mais a frente, como prova de que existe alguma justificativa para o posicionamento do apresentador, reforçamos que a segunda reportagem é encerrada com uma passagem com o seguinte texto: “Mais uma vez Daniel foi levado para o Centro de Detenção provisória de Viana. Segundo policiais, volta e meia ele é detido e trazido para o DPJ de Vila Velha, mas liberado da prisão pela Justiça, logo depois”. O que prova que o telejornal é montado de modo a utilizar de outras vozes, com o intuito de sustentar a tese do *mediador* que insinua que Justiça não funciona direito e que, por isso, merece ser cobrada e até mesmo desafiada. Não seria uma opinião apenas do apresentador, mas também do cobrador de ônibus e dos policiais que informaram que não é a primeira vez que ele foi levado para o DPJ e em seguida solto pela Justiça.

Nossa análise sistemática do *mediador* também apontou que Amaro Neto gesticula e varia o tom de voz, de acordo com o conteúdo do que diz. Nas cabeças das reportagens, os gestos são mais comedidos e a frequência da fala é mais grave, muito próxima de uma locução de rádio, características que denotam um tom mais sério, sóbrio e comedido, quase como faria um apresentador de telejornal convencional. Já nos comentários, o apresentador utiliza de gestos mais amplos com as mãos, ampliando também a frequência de voz, que torna-se mais aguda e indignada, carregando no apelo emocional, como foi o caso em todos os comentários.

Desse modo, o apresentador põe em prática a estratégia de criar um *contexto comunicativo* de proximidade com o telespectador. O próprio slogan do programa “O jornal que fala a língua do povo” também é um indicativo explícito de qual é a proposta de ambiência que se pretende construir com o telejornal. O programa estabelece para a audiência o lugar discursivo de alguém que se sente acuado pela violência, com medo e cansado de crimes sem punição, e sem nenhuma esperança de que as atuais instituições possam dar conta de resolver nossos principais problemas. E mais: discursivamente falando, o telespectador é localizado como alguém que não tem voz, cujo pedido de socorro não encontra abrigo em nenhum lugar, a não ser no próprio telejornal. É nesse contexto, criado

pelas escolhas e estratégias do programa, que o Balanço Geral utiliza do espaço e oportunidade, agora legítimos, para se colocar como porta-voz do povo e para reproduzir seus discursos reducionistas e conservadores.

O terceiro e último comentário do apresentador, reforça a ideia que o telejornal parece presumir uma audiência, isto é, tem como telespectador textual alguém que encontra na vingança, a única resposta possível para a calamitosa situação na qual se encontra, e da qual quer sair a qualquer custo. Pelo menos pelo que está indicado no texto, como sendo o destinatário das mensagens, isto é, ao menos a partir dessa cobertura telejornalística, o Balanço Geral pensa que sua audiência é composta por um povo cansado e intolerante, que gostaria de ver morrer na cadeia, todos aqueles que cometem crimes contra os trabalhadores, contra as “pessoas de bem”, como o assalto retratado, que rendeu a quantia de R\$ 230 aos dois jovens de 19 anos.

“Oh meu Deus do céu! Um é desbocado, não sabe falar direito, o outro é mudinho: o gato comeu a língua dele, o gato comeu! O outro é muito nervoso! Hã! Botar esses dois pra trabalhar, rapaz, quebrar umas pedras. Não tem nenhuma pedreira, não? Uma pedreira de verdade! Botar os caras pra pocar umas pedras, rapaz, com gosto de gás! Pra capinar, pra capinar bonito, bater uma laje! Toma vergonha na tua cara, rapaz! Vai trabalhar, teu vagabundo! Que apodreça na cadeia, rapaz!”

REFERÊNCIAS

- BECKER, Beatriz. **A linguagem do telejornal**. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.
- BORJA, Janira. O grito da cidade. *Balanço Geral*, qualidade e modos de endereçamento. In: GOMES, Itânia Maria Mota. (Org.). **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador : EDUFBA, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- FRANÇA, Vera. (Org.). **Narrativas televisivas: programas populares na TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GOMES, Itânia Maria Mota. Metodologia de análise do telejornalismo. In: _____. (Org.). **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador : EDUFBA, 2011.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A vontade de poder**. Tradução: Francisco José Dias de Moraes e Marcos Sinésio Pereira Fernandes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- _____. **A Gaia Ciência**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.